

LIBRAS NO ENSINO SUPERIOR¹

Cleusa Ines Ziesmann², Sonize Lepke³.

¹ Relato de experiência em uma Universidade Federal do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

² Mestranda em Educação nas Ciências. Docente de Libras na UFFS campus de Cerro Largo/RS.
cleusa.ziesmann@uffs.edu.br

³ Mestre em Educação nas Ciências. Docente de Libras na UFFS campus de Erechim/RS. sonize.lepke@uffs.edu.br

Introdução

Este resumo tem como a tentativa relatar as vivências da prática em sala de aula sobre “O Ensino da Libras - Língua Brasileira de Sinais no Ensino Superior”, realizada na Universidade Federal Fronteira Sul – UFFS. Tal proposta teve como objetivo perceber os efeitos da disciplina, ministrada por professoras ouvintes, em turmas de licenciaturas na sua formação inicial e promover um novo olhar sobre a aprendizagem da língua de sinais para a prática educativa de todos os educadores nas escolas regulares para propiciar a inclusão escolar.

Metodologia

Baseamos a nossa investigação em Bogdan e Biklen (1982) referindo-se aos métodos qualitativos, onde o investigador deve estar completamente envolvido no campo de ação dos investigados, uma vez que, na sua essência, este método de investigação baseia-se principalmente em conversar, ouvir e permitir a expressão livre dos participantes e também, de acordo com Moreira e Caleffe (2006), por ser um ponto de partida, onde a interação entre o pesquisador e os seus objetos de estudos são necessários para dar corpo sobre o assunto pesquisado.

A coleta de dados para a escrita deste texto foi realizada aplicando um questionário semiestruturado aos graduandos matriculados nas Licenciaturas da Universidade, que se encontram em formação inicial, durante o segundo semestre de 2013 e no primeiro semestre do ano de 2014, no componente de Libras, conforme consta nos PPCs dos cursos de Licenciaturas da Universidade, onde foram ministradas a disciplina.

Foram aplicados 75 questionários, sendo que na semana da aplicação da pesquisa alguns alunos faltaram. O total de questionários respondidos foi de 66, o restante foi devolvido com algumas questões em branco e alguns questionários nem foram devidamente devolvidos.

Resultados e discussão

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

A educação é algo majestoso e libertador. Paulo Freire em seus diversos textos nos remete a pensar sobre o quanto realmente a educação é um ato libertador, ou melhor, a educação é libertadora e ao mesmo tempo, desafiadora. Aos educadores, cabe buscar incessantemente qualificação e aperfeiçoamento, sendo essa uma prática necessário para qualificar a tarefa de educar.

A formação inicial e continuada deverá orientar e ser um norteador na vida profissional de quem se predispõe a auxiliar crianças e jovens na tarefa de conhecer o mundo letrado. Fato que exige do professor (a) predisposição para se constituir como sujeito reflexivo, crítico e pesquisador, além disso, desejar conhecer as inovações científicas e tecnológicas que dialogam com a aprendizagem. Segundo Ivani Fazenda (2003) precisamos aprender a fazer pesquisas, e essa ação de pesquisar faz parte de uma educação interdisciplinar com o outro.

É através dessa educação transformadora, problematizadora e interdisciplinar, que a sociedade pode passar por um processo de transformação. Transformar-se em uma sociedade que haja respeito as diferenças e necessidade de cada sujeito. Para isso, o educador tem uma tarefa importantíssima. Cabe a esse educador ajudar a (re) construir saberes, transformando-os em ações inclusivas através da conscientização.

A partir dessa perspectiva de educação e sociedade, podemos entender que as imposições legais, como a Constituição Federal de 1988, leis, decretos e pareceres que viabilizam mudanças no contexto brasileiro. Considerando que o Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, torna a LIBRAS como uma disciplina obrigatória nos cursos de formação inicial para futuros educadores, a Universidade como lugar de transformação sobre os saberes, precisa oferecer aos seus acadêmicos, a formação inicial e conhecimentos básicos sobre Libras. É necessário que esses futuros docentes, conheçam a especificidade e a singularidade que essa língua traz, para poder organizar suas atividades, priorizando sempre uma educação de qualidade.

Segundo Tardif (2007, p.23)

“[...] um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele se estrutura e orienta”.

Nesse mesmo sentido, Paulo Freire nos diz que (2003) “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”. É nessa perspectiva que nós olhamos os saberes de nossos acadêmicos das licenciaturas, trazendo a eles práticas diferenciadas e experiências inusitadas provocando a busca de mais ações que possam a vir fazer parte de sua profissão com uma prática problematizadora e interdisciplinar.

É nesse caminho que nós, professoras de Libras, acreditamos que os (as) acadêmicos (as) das licenciaturas terão como realizar sua tarefa de docente, assumindo sua função em sala de aula e principalmente, assumindo sua função na prática da educação inclusiva. Esta pesquisa realizada através dos questionários aplicados aos acadêmicos matriculados no componente de Libras,

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

permitiu chegar a alguns dados que afirmam a necessidade de todos, inclusive os bacharelados, discutir a educação inclusiva, em especial o sujeito surdo e a Língua Brasileira de Sinais.

Podemos ainda perceber que entre os entrevistados, a maioria demonstrou interesse em fazer cursos ou ter mais créditos em sua grade curricular, para o aprimoramento da prática na fluência e no uso da língua. A minoria desse grupo entrevistado, afirmaram que não farão mais cursos de Língua de Sinais, relatando que quando houvesse a necessidade em sua atividade docente, procurarão então cursos da área, alegando que com o tempo perderão a prática ou fluência da língua.

A partir da concepção que o educador é um sujeito incompleto e necessita constantemente reelaborar e aprimorar os seus saberes, criam-se a possibilidade de interlocução com os diversos saberes existentes. Não há um caminho com certezas, mas sim, um caminho a ser percorrido na procura de transformar as incertezas em ações que possam trazer benefícios aos nossos alunos surdos.

Conclusões

As ações desenvolvidas no componente curricular de Libras da UFFS, permitem afirmar que as instituições que proporcionam formação inicial para futuros professores precisam estar ciente que vivemos um momento de ressignificação, no que tange à educação inclusiva e educação de surdos. Diante disso, cabe a mesma pensar em como conduzirá o processo de formação inicial dos futuros educadores de uma sociedade que deseja constituir uma escola (espaço) e uma educação (enquanto processo) para todos.

Nesse sentido, o presente texto não tem a pretensão de trazer afirmações, conteúdos ou discutir como ocorre a aprendizagem da Língua de Sinais, mas enfatizar a necessidade de a formação inicial instigar, provocar os jovens professores a perceber o sujeito com deficiência e o surdo como sujeitos predispostos a aprender e ensinar. Aprender os saberes acadêmicos e ensinar sobre a sua cultura, seu modo de ver o mundo, seus desejos e seus sonhos.

Para além das questões relacionadas à Língua de Sinais Brasileira, as discussões fomentadas buscam evidenciar a representação do surdo como um sujeito usuário de uma língua visual-espacial, uma cultura e uma identidade. A língua de sinais e a identidade surda são valorizadas a partir das discussões teóricas, superando concepções de anormalidade/normalidade, inferioridade/superioridade, oposições utilizadas diante da diferença.

Discussões que não abarcam somente os surdos, mas as minorias, em muitas situações narradas como incapazes. A Língua de Sinais Brasileira enquanto componente curricular, permite que os futuros professores reflitam sobre as diferenças e a diversidade que compõe a educação básica e superior. Permite e instrumentaliza, acima de tudo, uma outra representação diante da diferença.

Quando permitimos olhar o outro, desprovidos de preconceitos, permitimos – nos a conhecer o novo, conhecer a Língua de Sinais, as especificidades do sujeito surdo e de tantos outros que compõe o espaço escolar e que por muito tempo foram relegados e excluídos do acesso ao

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

conhecimento formal. E em tempo iniciamos a pensar que outra escola, uma outra educação é possível seja na Educação Básica ou no Ensino Superior.

Palavras-Chave: Libras. Ensino Superior. Formação inicial.

Referências Bibliográficas

- BOGDAN, R. e BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora. 1982.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002.
- FAZENDA, Ivani C. A. (org.) Didática e interdisciplinaridade. 8. Ed. São Paulo: Papirus, 2003.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 28ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- SILVA, T.T. O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MOREIRA, H.; CALEFFE L.G. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. RJ: DP&A, 2006.
- TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 8. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.